

## Reação



Por **MARGA FERRÉ\***

*O crescimento da extrema direita na última década é uma reação e, além disso, uma reação global. Mas uma reação a quê?*

Há anos que leio análises sobre a extrema direita sem encontrar uma resposta que explique por que razão tem tanto apoio. Até que nos últimos meses, um estudo do jornal *Financial Times*, um antigo livro feminista e um artigo de história desencadearam uma resposta que, decantada, pretendo argumentar convosco.

A ascensão da extrema direita não é uma expressão de descontentamento político, nem uma patologia social, muito menos uma expressão antissistema. O crescimento da extrema direita na última década é uma reação e, além disso, uma reação global. Mas uma reação a quê?

Para um deslocamento.

### A história mudou

Um sector da academia historiográfica, que me deslumbrou, propõe que a mudança mais profunda que emerge como consequência da aceleração da globalização é a transformação do próprio conceito de história e isso tem muito a ver com a ascensão da extrema direita.

O que defendem é que, comumente, a história universal tem sido estudada e aprendida como uma história linear, uma série de etapas (que até têm nome e data de início e de fim) pelas quais a humanidade caminha para frente, em direção ao “progresso”. Para o bem dos impérios europeus, a História foi concebida como história ocidental, uma árvore ascendente em cuja copa estão as nações desenvolvidas (as potências, os impérios) lideradas por homens brancos de elite que possuem a tecnologia e a visão do progresso (civilização) e, mais abaixo, as nações a caminho desse modelo de desenvolvimento e todos os outros grupos subalternos.

Hoje, grupos subalternos sub-representados ou invisibilizados na história contemporânea entram em cena levantando novas exigências.

O que propõem estes novos historiadores, cujo pensamento está descrito no [artigo de Hugo e Daniela Fazio](#), é que este conceito de História é hoje insustentável. Não é apenas a ascensão da Ásia, especialmente da China, como desconstrutora desta ideia de história ocidental, mas a emergência do feminismo e do anti-racismo, com a sua proposta decolonial, que mudou esta visão da história para uma muito mais global e diversificado.

Batizaram-na como história global, a partir do prisma da seguinte verdade preciosa, que, sem cegueira de gênero ou de classe, é evidente: hoje, grupos subalternos sub-representados ou invisibilizados na história contemporânea irromperam em cena levantando novas exigências com novas lideranças e epistemologias, pois há um deslocamento do mito do

Ocidente para um mundo muito mais diversificado.

Esse deslocamento gera ressentimento em quem os vê perder sua posição de privilégio num mundo que não os vê mais como autoridade e que, por isso, disputa sua posição de poder. A extrema direita é isso, uma reação de quem está perdendo privilégios ou teme perdê-los e, por isso, o sentimento de manipular é o ressentimento.

Não é nem raiva, nem desencanto político, mas sim uma vitimização ressentida, o apelo ao narcisismo ferido de alguém que sente que perdeu o seu papel de liderança na história, em casa ou no trabalho. O aumento do militarismo e da guerra fazem parte desta reação violenta a um mundo que os está a deslocar.

## A quarta onda

*Reação, a guerra não declarada contra as mulheres modernas* é um livro feminista que teve enorme impacto na década de 1990. Nele, Susan Faludi denunciou a reação conservadora contra o avanço das mulheres naqueles anos e destacou, lucidamente, que essa reação não ocorreu porque as mulheres haviam alcançado a igualdade plena, mas porque “era possível para elas alcançá-la”. O livro de Susan Faludi me ajuda a compreender que a ascensão da extrema direita é uma reação, antes de tudo (embora não só), à quarta onda do feminismo e garanto que os dados são irrefutáveis.

As mulheres jovens são muito mais progressistas e os homens mais conservadores e mais propensos a apoiar a extrema direita.

Em 25 de janeiro deste ano, o jornal *Financial Times* publicou um estudo que [fez explodir a mente de muitos](#) analistas de extrema direita. Mostra o voto de homens e mulheres jovens na Coreia do Sul, nos EUA, na Alemanha e no Reino Unido, concluindo que existe uma enorme lacuna na sua atitude política: as mulheres jovens são muito mais progressistas e os homens jovens são mais conservadores e mais inclinados a apoiar a extrema direita.

O que choca mais de um é que se trata de um fenômeno global que ocorre em todo o planeta, também na Espanha:



Disparidade ideológica de gênero por país. **Tempos Financeiros**

Li, espantado, as explicações mais bizarras para este fenômeno que vão desde o fato de as mulheres serem mais moderadas até ao fato de termos menos contacto com migrações e disparates desse calibre. É óbvio, sem a cegueira de gênero que permeia a academia, que é a consequência da quarta onda que assolou o mundo. Quando surgiu, há quase uma década, fê-lo numa base global, como um movimento de massas, articulado por meio de redes sociais e com uma forte componente intergeracional.

# a terra é redonda

É também uma onda feminista mais anticapitalista do que as anteriores, um feminismo que dismantela o papel histórico do patriarcado e que venceu a batalha pela igualdade como aspiração. A extrema direita é uma reação violenta a este deslocamento, a este destronamento do *paterfamilias*, do homem dominante, do criador da história.

Observo que muitas análises reduzem o machismo e o racismo a atitudes morais e culturais, recusando-se a assumir que ambas as construções são usadas no capitalismo para nos explorar ainda mais. O fato óbvio de que as mulheres e os migrantes constituem uma mão-de-obra mais barata em todo o planeta não parece ter impacto nas suas análises. Devemos fazer todos os esforços para negar os dados e continuar a insistir que as mulheres e os migrantes são minorias e que nos tratam como tal quando a realidade é exatamente o oposto. Quase admiro sua teimosia.

Posso estar errada, mas também percebo que a cegueira analítica não está apenas relacionada com o gênero. Detecto uma resistência obstinada em aceitar que não existe uma relação direta entre a desigualdade econômica e o crescimento da extrema direita; Ou seja, a ortodoxia econômica não é útil para analisar o fenómeno. Se assim fosse, não haveria como explicar o que ocorre nos países escandinavos (os menos desiguais do mundo) nem que no país onde a desigualdade é mais grave, a África do Sul, onde a extrema direita não é relevante. É claro que a situação econômica pode ser um gatilho para o crescimento da extrema direita, mas não é a sua causa.

Suponho que a fria métrica econômica não compreende o ressentimento e é o sentimento que impulsiona a reação. Para entender melhor sugiro o magnífico estudo de Tereza Capela et al. sobre jovens coreanos de extrema direita que conclui decisivamente [que as suas atitudes são construídas exclusivamente sobre o ressentimento e a vitimização](#).

## Sussurros reacionários

Sinto cheiro, de certa tendência política (da qual nem mesmo a esquerda europeia está livre) que tende a contemporizar com alguns postulados da extrema direita quando se sente ameaçada pela sua ascensão; e este também é um fenómeno global. Estou começando a ouvir, sutil como um sussurro, que talvez nós, feministas, tenhamos ido longe demais, que devemos atender às demandas dos jovens que estão se movendo para a direita, que a imigração é um problema, que o que aconteceu na Palestina é não é um genocídio, que temos que comprar mais armas, que a ecologia não é uma contradição fundamental...

Defendo a tese oposta: a antítese da extrema direita e do seu inimigo é defender o feminismo, especialmente as mulheres jovens e as suas reivindicações, o conceito de classe versus o de nação, a paz, a diversidade, a igualdade, a justiça social, a solidariedade, a ecologia e uma mundo comum e fazê-lo, além disso, com uma visão que vai além da visão estreita e hierárquica do mundo do Ocidente.

Afirmo que a extrema direita é uma reação ao impulso com que nós, subalternos, começamos a mudar o mundo. Mas aviso, voltando ao alerta de Suzan Faludi, que a reação não é apenas a uma mudança produzida, mas à possibilidade da mesma existir; Na verdade, eles reagem violentamente às mudanças para evitar que elas ocorram. Essa é a extrema direita: pura reação.

**\*Marga Ferré**, ex-deputada na Espanha, é copresidente da Transform Europe.

Publicado originalmente no portal [Contexto y acción](#).

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**CONTRIBUA**